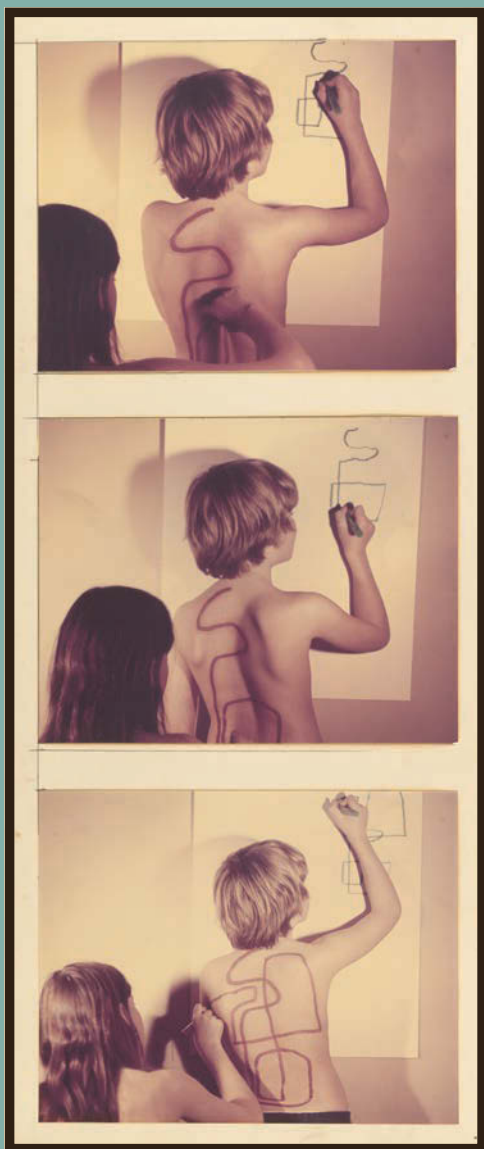


CATARINA BARROS

Labor



Empregada de balcão

Sempre que penso no momento em que descobri que estava grávida, vejo-me em frente ao Centro Comercial de São Marcos, embora saiba que o laboratório era no Cacém e que foi lá, na sala de espera, que abri o envelope. Mas talvez só tenha agarrado no telefone aí, à saída do supermercado, enquanto subia as escadas exteriores, vinda da paragem do 140. Tinha sido naquele centro comercial que, com quinze ou dezasseis anos, informara os meus amigos de que nunca teria filhos.

Em Fevereiro de 2005, entre o primeiro e o segundo semestres da licenciatura em Estudos Portugueses, que frequentava intermitentemente e nunca terminei, houve um conjunto de mudanças na minha vida: aluguei um apartamento na Bica, com o namorado de então e duas amigas; abandonei, de súbito, a formação que vinha suportando há duas semanas na TMN, e que me habilitaria a ser operadora de *call center*, linha *inbound* de apoio a clientes (posição rara, num mercado onde abundavam as ofertas

.....

para *outbound*, com a sua miragem de prémios de produtividade decorrentes da venda de tarifários de rede fixa, se não fraudulentos, pelo menos sem vantagem alguma) e, nesse mesmo dia, comecei a trabalhar na Body Shop, onde tinha ido só para me candidatar. A avaliar por aquilo que eu levava vestido, a gerente só podia estar desesperada. Foi também nesse mês que descobri que estava grávida, o que me fez perder tanto a casa na Bica, como o emprego na Body Shop. Tinha vinte e um anos.

Depois de ter sido mãe, quatro anos antes de mim, Marie Darrieussecq dedicou-se ao livro que veio a chamar-se *O bebé*, uma obra composta por pequenos fragmentos acerca da maternidade e da relação dessa experiência com a subjectividade e a literatura. A maternidade parece constituir o momento propício para reflectir sobre a sua condição enquanto mulher, mãe e escritora, e a eventual incompatibilidade desses papéis. Narrando a imersão na vida do bebé, Darrieussecq vai também dando conta das tentativas de escapar à dissolução de si que a maternidade e, em particular, as instituições que a rodeiam procuram impor. Convoca, por exemplo, Annie Ernaux (que fala sobre o *suspense* do sono infantil que domina temporariamente a vida de uma mãe), mas também Toni Morrison (que a faz pensar que não existe uma escrita feminina, mas apenas temas femininos), o *Ulisses* (em particular, a morte do filho de Bloom, Rudy, e o facto renovadamente escandaloso de as crianças serem mortais) e Rousseau (que considera indigna a mulher que escreve em vez de se ocupar dos filhos).

.....

Quando o meu filho nasceu, eu não sabia quem era Darrieussecq, Ernaux ou Morrison e não vi nesse evento oportunidade nenhuma.

Tinham sido as minhas colegas na loja, duas raparigas cujos rostos se apagaram, como os de tantos colegas de trabalho cujas vidas se cruzaram com a minha, a insinuar que aquela náusea constante não era, como eu supunha, nem um problema digestivo, nem uma somatização existencialista. Eu não era desinformada, apenas jovem, e, como quase todos os jovens, sabia que havia coisas que não me podiam acontecer, como morrer, falhar ou engravidar. A gerente teve pena, mas não podia fazer nada: ainda não havia um contrato assinado. Saí sem me zangar, conhecendo o suficiente do mundo, esse enorme *shopping center*, para não o temer.

Nos anos noventa, no sítio onde cresci, era costume as meninas receberem de presente uns caderninhos com um cadeado: o diário. Só as raparigas eram incentivadas a encher páginas coloridas e perfumadas com a letra gorda da infância, só elas pareciam ter gosto em registar a pequena história das suas vidas: uma discussão com a Ana Rute; fatias douradas ao lanche; carrinhos de choque de novo na Póvoa; o facto alucinante de ter sido escolhida pelo Luís, em detrimento da Sílvia, e de já nem saber se gostava dele. Tenho-me perguntado sobre as consequências desta

.....

prática na minha vida — e da falta dela, na dos homens com quem me cruzo.

Não sei quem sou — escrevo sobre isso a toda a hora —, o que também se percebe nos meus cadernos de tamanhos e materiais diversos, uns lisos, outros pautados, sem critério nem coerência. Há-de incomodar-me ser tão inespecífica e vazia, vestir o que calha, não saber do que gosto. Por ora, escrevo sobre o modo como os passageiros do comboio vão passando o jornal de mão em mão, solidários na indiferença por quem pede uma moeda. A cena distrai-me de mim. É o primeiro dia de Inverno e tenho medo do Ano Novo: não confio no futuro. Dentro em breve, descobrirei que os meus receios não eram infundados. Não porque tivesse intuído o que quer que fosse, mas porque conheço a minha inaptidão, o meu mal viver. Namoramos há um ano e quatro meses, quando engravidado, no final de Dezembro. Guardo poucas memórias do tempo que passámos juntos, e os meus cadernos, cheios de sofrimento juvenil e listas de tarefas, não ajudam a reconstituir a cena do crime. Gosto dele da mesma forma que gostei de todos os homens — como de um professor. Acho que sabe mais que eu, que escreve melhor que eu, e quero que me ensine. Sei que não estou à altura dele — sou mundana, sempre à procura de trabalho, preocupada com dinheiro —, mas acredito que um dia a vida estará à altura dos nossos projectos. Farei por isso, com ele e com os que vierem a seguir. Começarei por ser fascinante e, em seguida, farei o jantar. Viverei sem saber quem sou, mas nunca terei dúvidas acerca do que me cabe fazer.

.....

Nunca comecei um caderno sem sentir que o estragava. Se alguma vez desejei que aquilo que escrevo fosse literatura (*essa palavra detestável*, como diz Lispector), a verdade é que quase sempre se tornou correspondência. Escrevo para a pessoa que um dia serei, dirijo-me a essa promessa, a essa versão despojada dos *bugs* do presente. Os dias da escrita foram sempre dias de não consigo, dias em que fui qualquer coisa a mais em relação ao texto, qualquer coisa que estorva. Na primeira página do caderno de 2005, registo as definições de iconoclasta, dilação, demiurgo e glossolalia. A treze de Fevereiro escrevo, pela primeira vez, sobre a gravidez e, em particular, sobre a insistência das pessoas que me rodeiam: *toda a gente quer que eu tire*, escrevo, *dizem que não tenho condições e, a seguir, que respeitarão a minha decisão*. Para decidir, faço uma lista. Identifico quatro razões para ter e dez para tirar.

Operadora de *call center*

A vida era para mim um contínuo *empregada precisa-se*. Fui rápida a elaborar um plano, a arranjar um esquema que me permitisse acolher o bebé, comprando-lhe tudo o que, três anos antes, no meu segundo emprego, tinha vendido na loja do Centro Comercial Roma — ovos, carrinhos, esterilizadores de biberão, mamilos de silicone, tetinas com três velocidades de sucção, extractores de leite, chupetas que não fazem mal aos dentes, cadeiras da papa com tabuleiros amovíveis que se transformam em espreguiçadeiras, aquecedores de biberão, para casa e para o carro, babetes com dizeres engraçados, esponjas naturais, aspiradores nasais —, e arranjei emprego na Vodafone, linha empresarial, *inbound*. O meu posto de trabalho não ficava na cave (que já conhecia, de uma outra época, quando verificava processos administrativos), mas no quinto ou no sexto andar, bem para cima, de onde se via o rio. As colegas mais antigas, contratadas antes do *outsourcing* e das empresas de trabalho temporário, olhavam-nos, às que vínhamos com contratos renováveis mensalmente, com justificada

desconfiança. A nossa presença era a prova de que um dia — quando? — tudo aquilo que tinham lhes seria tirado. Eram as últimas a subir o elevador: dali por diante, seria sempre a descer.

Ninguém no *call center* sabia que eu estava grávida. À hora de almoço, sentava-me com um caderno e uma caneta do lado de lá do Pavilhão de Portugal e esperava. Esperava que ninguém me encontrasse, que ninguém me fizesse perguntas, que não me distraíssem com começos de amizades que eu não tinha intenção de manter. Por vezes, dava uma volta no centro comercial, no corredor das lojas de artigos para crianças, mas nunca comprava nada. Quase tudo me foi oferecido por familiares, amigos de amigos, gente que já tinha passado pelo mesmo e decidido não repetir. Entristeciam-me os homens de fato e gravata que, à saída da zona de restauração, naqueles minutos que sobram do almoço, desciam às lojas de puericultura, quase sempre acompanhados por um colega, para comprar um presente para o bebé. Muitos anos depois, sentada num banco no Jardim da Estrela enquanto o meu filho subia e descia da girafa, o que me entristecia era estar ali sozinha — era não haver um pai. Não para ele, mas para mim.

Em Junho, temi ser descoberta e pedi à supervisora que se encontrasse comigo lá fora, num intervalo. Sabia o que ia dizer e disse-o sem necessidade de prolongar a pausa: que estava grávida, que estava a tentar juntar dinheiro, que o bebé estava previsto para o princípio de Outubro

.....

e que me comprometia a pedir a demissão antes de isso acontecer. Ela acreditou e eu cumpri — pedi a demissão em Setembro. Nessa altura, era a Gisela que trabalhava ao meu lado. Tenho uma fotografia dela, *headset* na cabeça, entre tarifários, *upgrades* e fidelizações. Nunca mais a vi.

O livro que me acompanhou ao longo dos anos que levei a escrever e a abandonar este texto foi *A condição humana*, de Hannah Arendt. Não era um corrimão, mas um horizonte. O que dele ficou é esta radiografia. Quando cheguei à página 392, comecei a ter palpitações. Tinha prometido que começaria a escrever quando acabasse de ler e faltavam, nesse momento, três páginas. Submetidos a datação por carbono, os meus sublinhados confirmariam eras de abandono e recomeço. Começara a lê-lo dez anos antes, no Vale do Pereiro. Nesse intervalo, a minha letra mudou. Estas últimas páginas haviam exigido quase uma semana. Agora, premiava o mais pequeno avanço — uma página, um cigarro; um parágrafo particularmente longo, um prato de massa; uma passagem difícil, um vídeo do YouTube.

Num pequeno clipe sobre a diferença entre escrever ficção e não-ficção, Joan Didion conta que, embora comece a trabalhar por volta das dez e meia, só pelas cinco da tarde é que começa a ganhar ritmo. A partir daí, escreve duas ou três horas, até ter fome. Leva-lhe um dia

.....

inteiro, ultrapassar o medo. Eu também tinha começado de manhã, a cabeça dorida de sono a mais. Tinha decidido dar ao meu corpo o descanso de que ele precisaria para o que, mais tarde, iria pedir-lhe. Nessa noite, ia começar a escrever.

Quando comecei a lê-lo, acreditava que um livro era uma ferramenta e, nesse sentido, podia ser usado sem brandura. Vincar os cantos das páginas, sublinhar a caneta, azul, verde ou vermelha, escrever nas margens, circundar certas palavras, desenhar setas, estrelas, corações e pontos de exclamação, enchê-lo de migalhas, areia, manchas de gordura, tudo isso me parecia um sinal do meu empenho, a prova de que estava a trabalhar. Os marcadores fluorescentes vieram depois, noutra casa, já em Lisboa, numa altura em que sublinhar passou a estar submetido a critérios temáticos (que nunca fui capaz de manter). Precisava de aliviar a sensação de aleatoriedade e descontrolo com alguma lógica, de ter mão em mim e no que penso. Folheando o livro com atenção, percebem-se os meus saltos: o lilás da primeira parte, ausente da segunda, reaparece centenas de páginas à frente; a BIC azul usada na parte que Arendt dedica ao labor não é a mesma que sublinha o capítulo sobre o trabalho, mas regressa a meio da acção, muito brevemente. No ecossistema do livro — grandes maciços intocados, onde os meus olhos não fizeram estragos —, há frases que correm em liberdade nas páginas ainda virgens. Houve um tempo em que, em lugar de sublinhar, eu transcrevia. Estudar e escrever pertencem

à arte do resumo, e o que estive a fazer, ao longo destes dez anos, foi a encolher este livro, a espremê-lo e condensá-lo, para o enfiar agora aqui.

Não consigo decidir se o diário é um incitamento à confissão ou, pelo contrário, ao silêncio. Escrever no diário reitera ou depura? Pode a escrita redimir o dia, ou mesmo a vida? O diário é um coador, um funil ou uma peneira? O diário é uma espécie de tecnologia do si para crianças, uma máquina de fazer sujeitos. A presunção de verdade faz dele um documento forense, útil para descobrir quem matou Laura Palmer, como pensava a jovem Sontag, ou quais os planos de Etty Hillesum em 1941. Contudo, porque tenta fixar aquilo que não pode ser fixado, o diário depressa se torna obsoleto. Torno minha a pergunta de Elena Ferrante: daquilo que escrevo para mim, quanto é que pode oferecer-se ao olhar de outrem? O destino natural do caderninho adolescente não é a posteridade, mas o esquecimento. Se for nostálgica, esperançosa, apegada — e tiver algum espaço em casa —, a autora mantê-lo-á três prateleiras acima do presente, na estante mais robusta.

O diário pode também ser perigoso. Foi por ter lido o meu que a minha mãe me expulsou de casa, uns meses antes do meu décimo oitavo aniversário.

Escrever a vida é, de algum modo, viver de novo, mas de uma forma deslocada. Ao descobrir que a adolescência não traria as aventuras que imagináramos, eu e a minha

.....

melhor amiga demos início a uma troca epistolar na qual narrávamos eventos que nunca tínhamos protagonizado, pensamentos que nunca nos tinham ocorrido, emoções que nunca tínhamos sentido. De manhã, cada uma entregava uma carta à outra e, nessa carta, estava a nossa segunda vida, na qual também passávamos o dia juntas, mas noutro cenário, cercadas por outras personagens, a desempenhar outros papéis. Éramos, uma para a outra, o diário, mas um diário cheio de mentiras, o diário das possibilidades que não tínhamos, das passagens que não nos eram dadas.

Para o fim, mentíamos menos. Escrevíamos em casa, de madrugada, regressadas de um encontro queurgia relatar, nos cafés onde esperávamos uma pela outra e sobretudo no comboio, entre o Cacém e Entrecampos. Já não tínhamos quinze anos. Na última página do último caderno que partilhámos, é da faculdade que ela me escreve, a meio de Psicopatologia, que detesta. Embora se deite muitas vezes tarde e passe metade do caderno cheia de sono, o tema da aula desperta-a: o professor fala de depressão e do modo como uma pessoa que foi abandonada numa relação amorosa pode ficar zangada consigo mesma, e não com o «objecto abandonante». Talvez seja por isso que não está deprimida, conclui, porque sabe muito bem que é com o ex-namorado que deve estar zangada. Embora escrevamos uma para a outra, o destinatário das nossas palavras é muitas vezes um rapaz com quem namorámos, por quem nos sentimos atraídas ou com

.....

quem estamos chateadas. Não nos chega estarmos a par das últimas notícias, ouvirmos contar a história — temos de a viver uma com a outra. Somos leitoras encenadas, destinatárias de substituição. Talvez acreditemos que é preciso revelar quem somos diante dos outros, que só assim não há segredos entre nós. Ela sobrepõe ao meu rosto o rosto do rapaz que a deixou, eu ponho no dela a máscara daquele por quem estou apaixonada, e assim geramos um novo tu, melhorado e mais capaz do que o original. Não nos incomoda ocupar uma posição que não nos pertence. É isso que fazemos desde que nos conhecemos. Pilhamos o real e distribuímos-lo entre nós.

A cada mudança de casa, cada separação, cada agora é que vai ser, meço-me de novo com os meus cadernos, resistindo à tentação ora de os ler, ora de os rasgar. Estão ali todos os nomes. Cada entrada é de uma fidelidade prístina, quase rupestre. Em cada um, a mesma vontade, a mesma impotência. O meu desejo de escrita é vigiado pela certeza da impossibilidade da escrita. Ao longo dos anos, a mesma razão: o acaso de eu ser eu. A imagem de um leitor que me quer mal, um leitor que deseja que eu falhe, que usa a caneta não para sublinhar as minhas melhores frases, mas para destacar cada um dos meus erros, assombra-me a todo o momento. Para esse leitor, tudo o que escrevo é suspeito e risível — ele tem de me destruir.

Arendt era uma amiga que não se misturava com as outras, alguém com quem me encontrava a sós, mas

.....

que nunca convidava para uma festa. Ser-me-ia difícil apresentá-la, e ela não iria simpatizar com o grupo, nem o grupo com ela, tenho a certeza. Não sei como justificar esta relação tão longa e, não raras vezes, procuro motivos que tornem a nossa ligação mais aceitável. Lê-la restituía confiança ao meu pensamento, ajudava-me a compreender a minha biografia e oferecia-me uma solução. Ao mesmo tempo, era um travão, como o são as amigas que resistem aos chavões do seu tempo. Li centenas de livros que me podiam ter feito esquecer *A condição humana*, livros revolucionários, mais próximos da minha experiência, mais fáceis de manusear e defender. Porém, quando comecei a ler este, e apesar dos consideráveis problemas que me trouxe, e continua a trazer, achei que revelava qualquer coisa acerca da minha condição, do modo como a minha vida se encontrava partida e do que havia a fazer para a consertar. Ao princípio, era sobretudo a ideia de acção que me interessava, não o labor ou o trabalho. Agir seria nascer de novo, ter mais uma chance — corrigir as coisas. Uma vez, a meio de um passeio pelo pinhal, quando um dos rapazes se preparava para enfrentar um perigo de que não guardo memória, uma das raparigas do grupo incentivou-o, gritando: *faz teu nome*. Agir seria isso: não apenas escrever, mas vir ao mundo. Naquela época, eu levava uma vida quase sem testemunhas. Cozinhava, ocupava-me de uma horta, fazia pequenas reparações. Quando batiam à porta, nunca sabia quem ia aparecer, não do lado de fora, mas de dentro, quando eu a fosse abrir. Nessa fase, mesmo quando saía de casa, estava sempre dentro de alguma coisa.

.....

Labor

«Entediam-me o Marx, o Weber e o Grupo Krisis, prefiro os contos da Tillie Olsen e da Lucia Berlin. Não conheço as minhas camaradas, mas sei que passam muito tempo em casa, atendendo às necessidades mais urgentes, sem desistir da alegria. [...] Sou da classe das que esperam que os filhos durmam, ou cresçam, para poderem continuar com as suas vidas; das que são para os outros um corredor e para si mesmas um intervalo; das que enlouqueceram ou se mataram; das que murcharam e das que azedaram.»

Maternidade, trabalho, escrita: *Labor* enlaça os veios que constituem a história da vida de uma mulher, reconfigurada no momento em que, aos vinte e um anos, se torna mãe. É um livro em gestação: pessoal e político, nutrido e desnutrido pela experiência que ora lhe dá forma, ora o apaga. Uma narrativa que se debate com as circunstâncias da sua própria existência, usando a linguagem como corpo, sonho, jogo, como campo de batalha e campo aberto.

Afiado e audaz, mais lúcido do que lírico, o livro de estreia de Catarina Barros desfia a sucessão de empregos precários por que a autora passou e defende que os trabalhos do cuidado, historicamente invisibilizados, não são exteriores à literatura. Memória e filosofia, citação e narrativa são os feixes de uma singular reflexão sobre liberdade, criação e as condições políticas que permitem — ou não — que uma mulher escreva a sua história.

não-ficção literária | 13



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



companhiadasletrasportugal

ISBN: 978-989-589-131-3



9 789895 891313